



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



PELAS MÃOS DE SYLVIA: RETRATOS DE UMA TESTEMUNHA-ESCRITORA¹

Álvaro Jardel Conceição Santos de Oliveira²

RESUMO

Este artigo investiga a intersecção entre fotografia documental e pesquisa literária a partir da experiência de campo realizada entre 2015 e 2018 sobre a vida e obra da escritora amazônica Sylvia Aranha de Oliveira Ribeiro (1930). Partindo da constatação de que a fotografia se tornou constitutiva da realidade da pesquisa, e não apenas registro ilustrativo, o trabalho propõe o ensaio visual como metodologia de conhecimento nos estudos literários. Fundamentado teoricamente em Martins (2013), Beiguelman (2021) e Han (2017), o estudo demonstra como a fotografia atua como linguagem crítica da memória e do arquivo, preenchendo lacunas deixadas pelo texto acadêmico tradicional. Os resultados revelam que escritoras-testemunhas como Sylvia Aranha, cuja literatura nasce da experiência vivida no território amazônico, demandam abordagens metodológicas que integrem múltiplas linguagens para dar conta da complexidade de suas trajetórias e criações.

Palavras-chave: Fotografia documental; Literatura amazônica; Sylvia Aranha; Ensaio visual; Memória e arquivo.

1. Introdução

Na árvore do mundo estão pousados dois pássaros: um que come seus frutos, outro que olha e não come. Esta imagem poética, recuperada por Ecléa Bosi (2003), apresenta-nos o espírito-testemunha, aquele que contempla antes de consumir, cuja atenção e renúncia à posse imediata configuram uma postura ética diante da realidade. A filósofa nos lembra que "a dor nasce da cisão entre comer e olhar, consumir e contemplar, a possessão e a atenção" (Bosi, 2003, p. 118), apontando para uma dimensão fundamental da experiência humana: a possibilidade de ser nutrido pelo que se contempla.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 01: Fotografia Documental.

² Doutor em Letras/Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará. E-mail: alvarojardel@gmail.com



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



Sylvia Aranha de Oliveira Ribeiro (1930), escritora e educadora que dedicou décadas de sua vida ao interior da Amazônia amazonense, encarna essa figura do pássaro-testemunha. Sua obra literária, composta por quatro romances – *O encontro das águas* (1998; 2011), *Comandante Lourenço* (2006), *Francisca e a utopia da liberdade* (2010) e *Batalha Naval de Itacoatiara... onde o Sul se encontra com o Norte* (2014) –, nasce não de um projeto literário previamente definido, mas da experiência vivida, do serviço prestado às comunidades ribeirinhas, do testemunho direto da realidade amazônica.

Este artigo origina-se de uma pesquisa de doutoramento³ realizada entre 2015 e 2018 sobre a vida e obra de Sylvia Aranha, cujo objetivo foi compreender de que forma o apelo do mundo precedeu e constituiu sua literatura. Durante esse processo investigativo, um fenômeno metodológico imprevisto se manifestou: a fotografia, inicialmente concebida como registro documental auxiliar, tornou-se progressivamente constitutiva da própria realidade da pesquisa, atuando simultaneamente como objeto e sujeito do conhecimento produzido (MARTINS, 2013).

O presente trabalho propõe-se a refletir sobre essa experiência metodológica, investigando como a fotografia pode atuar como linguagem crítica nos estudos literários, especialmente quando a investigação envolve escritoras-testemunhas cujas obras nascem da experiência direta com territórios e comunidades. Busca-se demonstrar que, para além de simples "técnica capaz de reter e documentar a dimensão propriamente ontológica do social" (Martins, 2013, p. 33), a fotografia configura-se como linguagem crítica da memória e do arquivo, cujo vocabulário é capaz de criar o que denominamos dissidências poéticas, especialmente relevantes no contexto contemporâneo das políticas da imagem (Beiguelman, 2021).

A estrutura do artigo organiza-se em cinco seções principais. Após esta introdução, apresentamos o referencial teórico que fundamenta nossa abordagem. Em seguida, descrevemos os procedimentos metodológicos

3 O que resultou na tese: **"Onde está teu coração? Uma poética da inquietude e da libertação na ficção de Sylvia Aranha"**. Doutorado em Letras/Estudos Literários. Instituto de Letras e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Pará, 2020.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



adotados, destacando o ensaio visual como método de investigação. A quarta seção dedica-se à análise e discussão dos resultados, articulando as dimensões literária e fotográfica da pesquisa. Por fim, as considerações finais sistematizam as contribuições do trabalho e apontam desdobramentos possíveis.

2. Referencial Teórico

2.1 Fotografia como linguagem constitutiva da pesquisa

A relação entre fotografia e pesquisa nas ciências humanas tem sido historicamente marcada por uma concepção instrumental da imagem. Conforme aponta Martins (2013), a fotografia foi frequentemente reduzida a ilustração ou comprovação visual de argumentos previamente construídos pela linguagem verbal. Essa subordinação da imagem ao texto reflete uma hierarquia epistemológica que desconsidera as especificidades e potencialidades cognitivas da linguagem fotográfica.

Martins (2013) propõe uma inversão dessa lógica, argumentando que a fotografia não apenas documenta o social, mas participa constitutivamente de sua produção. A imagem fotográfica não é mero reflexo passivo da realidade, mas elemento ativo na construção de significados, memórias e imaginários sociais. Nessa perspectiva, "a fotografia é, ao mesmo tempo, objeto da investigação e instrumento de documentação e registro" (MARTINS, 2013, p. 41), desdobrando-se em múltiplas camadas de sentido que excedem sua função referencial.

Essa compreensão ampliada da fotografia torna-se particularmente relevante quando nos voltamos para pesquisas que envolvem memória, território e trajetórias de vida. A câmera não captura simplesmente o que está diante dela, mas estabelece relações, cria presenças, registra ausências, revela tensões que permanecem invisíveis à observação não mediada. A



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



fotografia nos oferece fragmentos descontextualizados da realidade que, no entanto, podem ser recontextualizados pelo olhar interpretativo do pesquisador.

2.2 Políticas da imagem e dissidências poéticas

O contexto contemporâneo de produção, circulação e consumo de imagens demanda uma reflexão crítica sobre o que Beiguelman (2021) denomina *políticas da imagem*. Vivemos em uma era de vigilância massiva, na qual as tecnologias de captura, armazenamento e processamento de imagens operam como dispositivos de controle social. A "dadosfera" – ambiente informacional saturado de dados imagéticos – configura novas estéticas da vigilância que colonizam os modos de ver e ser visto.

Nesse cenário, a autora argumenta pela necessidade de práticas de resistência que ela caracteriza como dissidências poéticas. Trata-se de modos de fazer imagens que se contrapõem à lógica da transparência total e da captura onipresente (BEIGUELMAN, 2021), afirmando outras temporalidades, opacidades e formas de presença. A fotografia pode atuar como linguagem crítica quando recusa a pretensão de visibilidade absoluta e assume sua parcialidade, seus silêncios, suas zonas de sombra.

Essa perspectiva ressoa com a crítica de Han (2017) à *sociedade da transparência*, caracterizada pela eliminação de toda negatividade, de todo espaço de recolhimento e mistério. Para Han (Idem), a sociedade da transparência é uma sociedade da desconfiança e da suspeita que, por causa da perda de confiança, se apoia na vigilância e no controle. A contrapelo dessa lógica, práticas fotográficas que preservam espaços de opacidade, que respeitam o não-dito e o não-mostrado, configuram gestos éticos e estéticos de resistência.

2.3 Literatura testemunhal e escritoras amazônicas



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



A compreensão da obra de Sylvia Aranha exige considerar sua inserção em uma tradição literária específica: aquela das escritoras-testemunhas, cujo ato de escrever nasce da experiência direta com realidades marcadas por exclusão, violência ou invisibilidade histórica. Como observa Bosi (2003), o testemunho constitui uma modalidade de memória que não se reduz à rememoração individual, mas assume dimensão coletiva e política.

No contexto amazônico, essa questão ganha contornos particulares. Oliveira; Santos e Azevedo (2017) reconhecem que a história da literatura no Amazonas tem sido escrita aos poucos, com vastas lacunas no que diz respeito à produção de escritoras. Sylvia Aranha pertence a uma geração de mulheres intelectuais que, frequentemente, não se reconheceram prioritariamente como escritoras, mas como educadoras populares, assistentes sociais ou militantes. A escrita, para elas, surge como desdobramento do engajamento na *comunidade de destino* (Bosi, 1994), não como projeto autônomo.

Essa especificidade demanda abordagens metodológicas que considerem a indissociabilidade entre vida e obra, entre experiência e criação literária. Não se trata de reduzir a literatura à biografia, mas de reconhecer que, em certos casos, a ficção nasce diretamente da testemunha, do vivido, da inquietude diante de realidades que demandam não apenas contemplação, mas transformação.

3. Procedimentos Metodológicos

3.1 O ensaio visual como método

A pesquisa desenvolveu-se através de uma metodologia híbrida que articula estudos literários e ensaio visual. O ensaio visual, conforme o compreendemos, não se limita a compilar fotografias que ilustrem argumentos previamente formulados, mas constitui, ele mesmo, um modo de investigação e produção de conhecimento. Trata-se de pensar através das imagens,



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



permitindo que a construção fotográfica revele dimensões da realidade pesquisada que não seriam acessíveis exclusivamente pela linguagem verbal.

Entre 2015 e 2018, realizamos trabalho de campo no interior da Amazônia amazonense, especificamente na cidade de Itacoatiara, onde Sylvia Aranha vive e desenvolve suas atividades educacionais e literárias. Durante esse período, a câmera fotográfica esteve presente em momentos de conversa com a escritora, visitas aos lugares que marcaram sua trajetória e observação dos territórios que constituem o espaço ficcional de seus romances.

A construção das imagens não seguiu um roteiro predefinido, mas respondeu aos encontros, aos silêncios, às revelações que emergiam do processo de pesquisa. Buscou-se uma fotografia que não apenas documentasse, mas que fosse capaz de criar o que Beiguelman (2021) denomina dissidências poéticas: modos de ver que se contrapõem à lógica da transparência total e da captura onipresente.

3.2 Literatura comparada e análise lítero-imagética

Paralelamente ao trabalho fotográfico, desenvolvemos análise da prosa de ficção de Sylvia Aranha, concentrando-nos em seus quatro romances publicados. A abordagem inscreveu-se no campo da literatura comparada, permitindo que diferentes áreas do conhecimento – teoria literária, sociologia da imagem, filosofia, estudos culturais – se entrecruzassem e se dobrassem mutuamente.

A análise lítero-imagética, tal como a praticamos, recusa a construção de uma linearidade universal e universalizante. Contexto, tempo e espaço não são tratados como coordenadas fixas, mas como dimensões que se dobram, se sobrepõem, criam temporalidades múltiplas. O texto literário e o ensaio fotográfico dialogam sem subordinação hierárquica, cada linguagem preservando suas especificidades enquanto contribui para a construção de um conhecimento mais denso e multifacetado.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



3.3 Aspectos éticos da pesquisa

A pesquisa envolveu interação direta e prolongada com Sylvia Aranha, então com mais de 85 anos. Cuidados éticos específicos foram observados, incluindo a obtenção de consentimento informado para conversas gravadas e fotografias, o respeito aos momentos em que a interlocutora preferia não ser fotografada ou gravada, e a atenção às fragilidades físicas e emocionais que acompanham a idade avançada.

A relação estabelecida não foi de mera extração de informações, mas de escuta atenta e presença respeitosa. A câmera fotográfica, nesse contexto, não atuou como instrumento de invasão ou vigilância, mas como mediadora de uma presença que buscou ser ética, reconhecendo na escritora não apenas objeto de pesquisa, mas interlocutora cuja dignidade e autonomia deveriam ser preservadas em todo momento.

4. Análise e Discussão dos Resultados

4.1 Sylvia Aranha: a testemunha-escritora

A trajetória de Sylvia Aranha de Oliveira Ribeiro revela características específicas de uma geração de escritoras brasileiras cuja relação com a literatura não se estabeleceu a partir de um projeto autoral previamente definido, mas como desdobramento de trajetórias marcadas pelo engajamento social e educacional. Nascida em 1930, Sylvia dedicou décadas de sua vida ao trabalho como educadora em comunidades ribeirinhas do interior amazonense, especialmente na região de Itacoatiara.

Sua obra literária surge tardiamente, com o primeiro romance publicado apenas em 1998, quando a autora já contava 68 anos. Esse dado não é acidental, mas revelador de uma compreensão específica da escrita: não como vocação que precede a experiência, mas como linguagem que emerge da necessidade de elaborar, interpretar e compartilhar o vivido. Sylvia Aranha



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



pertence, assim, àquela categoria que denominamos *testemunha-escritora*: aquela para quem o ato de escrever nasce da contemplação atenta da realidade, do testemunho direto de vidas e situações que demandam não apenas registro, mas elaboração estética e reflexão ética.

Em entrevista realizada durante a pesquisa, a própria Sylvia afirmou: "*Nunca pensei em ser escritora. Eu queria era trabalhar com o povo, ajudar quem precisava. Os livros vieram depois, quando senti que precisava contar o que tinha visto*". Essa declaração sintetiza uma postura que marca toda sua produção: a escrita como serviço, como forma de dar voz a experiências e pessoas que de outro modo permaneceriam invisíveis.

4.2 A poética da inquietude e da libertação

A análise dos quatro romances de Sylvia Aranha – *O encontro das águas* (1998; 2011), *Comandante Lourenço* (2006), *Francisca e a utopia da liberdade* (2010) e *Batalha Naval de Itacoatiara... onde o Sul se encontra com o Norte* (2014) – revela uma estrutura recorrente que caracterizamos como poética da inquietude e da libertação. Suas narrativas organizam-se invariavelmente em torno de personagens cindidas, divididas interna e externamente, que ao longo de suas trajetórias nas tramas buscam recuperar alguma forma de totalidade através da libertação de seus dramas interiores.

Em *O encontro das águas*, por exemplo, a protagonista *Dileta Moara* vivencia a tensão entre seu desejo de estudar e se emancipar e as limitações impostas pela condição de mulher pobre no interior amazônico. Sua inquietude manifesta-se como impossibilidade de acomodação às estruturas que lhe são impostas, enquanto a libertação se configura não como transcendência mágica, mas como processo laborioso de conquista de autonomia através da educação e do trabalho.

Essa estrutura narrativa não é mera escolha formal, mas expressão de uma compreensão filosófica que atravessa toda a obra da autora: a liberdade não como estado dado, mas como processo de libertação; não como ausência



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



de constrangimentos, mas como capacidade de enfrentá-los conscientemente. As personagens de Sylvia Aranha não são heroínas no sentido convencional, mas pessoas comuns que, através de suas inquietudes e resistências cotidianas, constroem possibilidades de existência mais dignas e autônomas.

4.3 O ensaio fotográfico: retratos do processo



O ensaio fotográfico produzido ao longo da pesquisa não se propôs a ilustrar a vida ou a obra de Sylvia Aranha, mas a revelar algo mais sutil e complexo: a própria realidade do processo de pesquisa, com seus encontros, silêncios, sombras e revelações. As imagens não são retratos da escritora no sentido convencional, mas retratos de uma relação, de uma busca, de uma tentativa de compreensão que se desdobrou ao longo de três anos.

Algumas fotografias capturam Sylvia em sua casa em Itacoatiara, cercada de livros e papéis, em momentos de conversa ou silêncio contemplativo. Outras registram os lugares onde ela viveu e trabalhou: escolas ribeirinhas, o rio que atravessa Itacoatiara, casas simples onde funcionaram projetos educacionais que ela coordenou. Há também imagens que não mostram diretamente a escritora, mas capturam elementos do território amazônico que constituem o espaço ficcional de seus romances: a floresta, os rios, as comunidades ribeirinhas – especialmente quando contemplamos as suas fotografias já tornadas documentos.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



O que une essas imagens aparentemente díspares é uma busca por revelar não a superfície visível, mas camadas mais profundas da experiência pesquisada. Conforme Martins (2013), a fotografia nos oferece fragmentos descontextualizados da realidade que, no entanto, podem ser recontextualizados pelo olhar interpretativo. Foi justamente esse trabalho de recontextualização que buscamos operar: construir, através da sequência e articulação das imagens, uma narrativa visual que revelasse dimensões da trajetória de Sylvia Aranha e de sua obra que não poderiam ser adequadamente expressas apenas pela linguagem verbal.

4.4 A fotografia como linguagem crítica da memória

Um dos resultados mais significativos da pesquisa foi a constatação de que a fotografia atuou como linguagem crítica da memória, preenchendo lacunas que o texto acadêmico tradicional, apesar de toda sua sofisticação, foi deixando ao longo do caminho. Essas lacunas não são deficiências da linguagem verbal, mas expressão de seus limites constitutivos quando confrontada com certas dimensões da experiência humana.

A memória, como nos ensina Bosi (2003), não é simples repositório de informações do passado, mas trabalho ativo de reconstrução que envolve não apenas o intelecto, mas todo o corpo, as emoções, os sentidos. Há aspectos da memória – especialmente aqueles ligados à atmosfera, ao não-dito, ao que se manifesta através de gestos, silêncios, presenças e ausências – que escapam à capacidade de verbalização, mas que podem ser capturados fotograficamente.

As imagens fotográficas produzidas durante a pesquisa revelaram, por exemplo, a fragilidade física de Sylvia aos 85 anos, suas mãos marcadas pelo tempo, o modo como sua casa preserva objetos e documentos que testemunham décadas de trabalho educacional. Revelaram também os espaços onde ela atuou, muitos deles profundamente transformados pelo tempo, mas ainda portadores de marcas daquela presença. Revelaram,



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



finalmente, a própria experiência do pesquisador no território amazônico, os deslocamentos, os encontros, as dificuldades de acesso a lugares remotos.

Essas revelações não são acessórias ou ilustrativas, mas constitutivas do conhecimento produzido. Elas modificam nossa compreensão da obra de Sylvia Aranha porque nos mostram, concretamente, o solo existencial e territorial de onde essa obra emergiu. O que nos conforma com as ideias de Martins (2013, p. 63), quando reflete que a fotografia é um modo peculiar e específico de conhecimento do mundo que escapa à lógica discursiva sem, contudo, abrir mão de sua capacidade de revelar e significar e constituir o real.

4.5 Dissidências poéticas em tempos de vigilância

A construção do ensaio fotográfico orientou-se pela busca do que Beiguelman (2021) denomina dissidências poéticas: modos de fazer imagens que se contrapõem à lógica da transparência total e da captura onipresente que caracteriza a sociedade contemporânea. Em um contexto marcado por estéticas da vigilância, no qual imagens são constantemente produzidas, armazenadas e processadas como dados de controle social, a fotografia documental pode afirmar outras possibilidades.

As imagens produzidas durante a pesquisa buscaram preservar espaços de opacidade, respeitando silêncios e não-ditos. Nem tudo foi fotografado, nem tudo deveria ser mostrado. Houve momentos em que a câmera permaneceu desligada, reconhecendo que certas experiências excedem a capacidade e o direito de registro. Essa postura ética traduz-se esteticamente em imagens que não pretendem revelar tudo, que preservam sombras, que admitem sua parcialidade.

Essa escolha inscreve-se na crítica de Han (2017) à sociedade da transparência. Para o filósofo, a exigência de visibilidade total elimina toda negatividade, todo espaço de recolhimento e mistério, configurando uma forma sutil mais eficaz de violência. A contrapelo dessa lógica, as fotografias produzidas durante a pesquisa afirmam que há legitimidade na opacidade, que



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



nem tudo precisa ou deve ser tornado transparente, que o respeito pela dignidade das pessoas pesquisadas inclui o reconhecimento de seu direito à invisibilidade parcial.

5. Considerações Finais

Esta pesquisa demonstrou que a fotografia, no contexto dos estudos literários, pode transcender sua função tradicionalmente subordinada de mero registro documental para configurar-se como linguagem constitutiva do próprio processo de produção de conhecimento. O ensaio fotográfico desenvolvido ao longo da investigação sobre Sylvia Aranha revelou dimensões da experiência de pesquisa que não poderiam ser adequadamente expressas pela linguagem verbal, preenchendo lacunas que o texto acadêmico, apesar de toda sua sofisticação, foi deixando ao longo do caminho.

A figura da testemunha-escritora, tal como Sylvia Aranha a encarna, demanda abordagens metodológicas que reconheçam a indissociabilidade entre vida e obra, entre experiência vivida e criação literária. Não se trata de reduzir a literatura à biografia, mas de compreender que, em certos casos, a ficção nasce diretamente do testemunho, da inquietude diante de realidades que demandam não apenas contemplação, mas elaboração estética e reflexão ética.

O trabalho contribui para o campo dos estudos literários ao propor o ensaio visual como metodologia de investigação, demonstrando concretamente como a articulação entre texto e imagem pode produzir conhecimentos mais densos e multifacetados. Contribui também para os estudos sobre literatura amazônica ao visibilizar a obra de uma escritora que permanece amplamente desconhecida, mas cuja produção traz significados importantes para a compreensão da região e de suas representações literárias.

Do ponto de vista das políticas da imagem, o trabalho demonstra que é possível construir práticas fotográficas que se contrapõem à lógica da vigilância e da transparência total, afirmando dissidências poéticas que preservam



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



espaços de opacidade e respeitam a dignidade das pessoas fotografadas. Em tempos marcados por estéticas da vigilância, essa postura configura não apenas escolha metodológica, mas gesto ético e político.

Por fim, cabe reconhecer que esta pesquisa abre mais questões do que as responde. Se a fotografia preencheu lacunas que o texto deixou, o que isso revela sobre os limites da linguagem escrita acadêmica para dar conta da complexidade de pesquisas que envolvem memória, território e trajetórias de vida? Que outras formas de articulação entre linguagens poderiam ser exploradas nos estudos literários? Como formar pesquisadores capazes de transitar entre diferentes mídias e linguagens sem perder o rigor analítico?

Essas questões permanecem abertas, convidando a continuidade da reflexão e da experimentação metodológica. O que este trabalho demonstra, concretamente, é que certas realidades – especialmente aquelas que envolvem a Amazônia, o testemunho e os silêncios – exigem múltiplas linguagens. A fotografia não é luxo ou ornamento, mas necessidade epistemológica para pesquisas que buscam fazer justiça à complexidade de seus objetos e de suas interlocutoras.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembrança de velhos**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória. Ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2013.

BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da imagem: vigilância e resistência na dadosfera**. São Paulo: UBU Editora, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



OLIVEIRA, Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de; SANTOS, José Benedito dos; AZEVEDO, Kenedi Santos. **A literatura no Amazonas – 1954-2010**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017.